

A IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA: UM EXERCÍCIO BASILAR PARA O CIENTISTA SOCIAL

Data de aceite: 02/06/2023

Suely Nobre de Sousa

Mestre em Educação (UFMT). Tec. Adm/Pedagoga no Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação (UNIUBE), sob Orientação do Prof. Dr. Tiago Zanquêta de Sousa. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

RESENHA: MILLS, Charles Wriqth. **A imaginação Sociológica**. Tradução: Waltensir Dutra. 6ª ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1982. p.246.

O sociólogo norte-americano Mills tornou a sociologia acessível ao mundo como “ciências sociais”, a partir da publicação de sua obra “A Imaginação Sociológica”, em 1959. Dentre os vários objetivos do livro, destaca-se a premissa de expandir a consciência das pessoas sobre a relação entre o indivíduo e a sociedade como um todo. Nessa ótica, tona-se pertinente destacar as palavras de Frazão (2015), quando diz que:

Para Mills, os três componentes que formam a imaginação sociológica

são: a História, a Biografia e a Estrutura Social, que permitem um olhar para além de seu ambiente local, no sentido de fornecer informações e desenvolver razões, a fim de se perceber com lucidez o que está acontecendo no mundo e como está refletindo dentro de si mesmo. (FRAZÃO, 2015, online).

Sendo assim, a tríade mencionada no excerto é discutida em diversos temas distribuídos nos dez capítulos da obra, os quais, problematizam a relação entre o homem e a sociedade, sob uma perspectiva crítica que pondera a importância do ser humano conhecer a si mesmo e o mundo a sua volta. Nesse sentido, a obra apresenta os estudos das bases epistemológicas enquanto elementos fulcrais para a ampliação do conhecimento de relações complexas, como as estabelecidas pelo homem no seio da sociedade. O acesso ao às proposições tecidas por Mills nessa obra é uma ferramenta essencial para a compreensão das dinâmicas instituídas na sociedade, a partir da leitura de contextos históricos e culturais.

No primeiro capítulo, intitulado “A

Promessa”, o autor mantém o foco em alguns temas, como: o homem e o mundo moderno; a imaginação sociológica para a compreensão do mundo moderno; a história e biografia; as características da época; os estilos de ciência social; os denominadores comuns intelectuais; a ciência hoje e os conceitos de ciência social. Nesse capítulo, Mills (1982) apresenta um perfil de homem social em seu contexto de vida, inserido em um ciclo de trabalho e produção para sobrevivência, limitando suas capacidades de ação no ambiente em que vive.

Para o autor, no que diz respeito ao ambiente menor, isto é, aquele onde estão a família, os vizinhos e o emprego, há uma sensação de encurralamento. Isso se dá, pois, o homem se torna espectador das questões além desse perímetro, por não se reconhecer como capaz de atuar fora desse contexto. Em acréscimo, Mills (1982, p.9) sinaliza que “o indivíduo só pode compreender sua própria existência e avaliar seu próprio destino localizando-o dentro do seu período”. Além disso, para ele, quando a sociedade muda, os sujeitos se alteram e alteram seus papéis, mas o homem raramente consegue ter essa consciência da ligação de sua vida com o curso da história mundial. O autor pontua também que a realidade histórica contemporânea da época constituía em aparatos para o êxito e para o fracasso das pessoas, sendo o êxito apenas para os detentores do capital. Nesse aspecto, Mills (1982) adverte que o capitalismo reforça o abismo entre as classes; a massa e os que detêm capital – poder.

A partir dessa abordagem, Mills (1982, p.11) define que “a imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo”. Nesse sentido, aponta que “o indivíduo só pode compreender a sua própria experiência e avaliar seu próprio destino” se entender sua relação histórica no mundo; visto que “a imaginação sociológica nos permite compreender a história, a biografia e as relações entre ambas, dentro da sociedade” (MILLS, 1982, p.12).

Assim, a promessa reside no desenvolvimento da imaginação sociológica e nas possibilidades que podem surgir na sociedade contemporânea. Para o autor, ter acesso à informação não é suficiente para dotar o indivíduo de todas as habilidades necessárias para se tornar um homem moderno. Mills (1982) alerta que um indivíduo só pode compreender a sua existência para além do aspecto físico se for capaz de se reconhecer como um sujeito integrante da coletividade de seu contexto social. O autor afirma que o liberalismo político e econômico desconsiderou as relações entre os indivíduos e a sociedade e das variáveis que dela advêm.

Mills propõe questões para se pensar e buscar respostas à luz de suas colocações sobre estrutura e posição da sociedade na história humana. Sobre as variedades que predominam, há uma teia de relações indivíduo-sociedade entre a variedade de estrutura e de posição. Segundo o autor, “é o número e variedade dessas modificações estruturais que aumentam a medida que as instituições dentro das quais vivemos se tornam mais gerais e mais complicadamente ligadas entre si” (MILLS, 1982, p. 17), tornando os indivíduos

espectadores, pois, não fazem parte das mudanças, não se veem capazes de assimilar novos conceitos e se embrenhar na nova estrutura. No entanto, a maneira de enfrentar essa situação é através da conscientização da estrutura social e da habilidade em utilizá-la com sensibilidade. Esse processo não acontece sem luta, uma vez que a tomada de consciência das massas pode qualificá-las e incomodar aqueles que detêm o poder. Para avançar nesse sentido, é preciso se preparar, se formar e agir com perspicácia nas relações sociais.

De acordo com Mills (1982), a imaginação sociológica encontra sua aplicação mais eficaz nas perturbações que surgem no meio próximo, ou seja, nas inquietações que podem desencadear um novo modo de pensar e agir. O autor destaca que as questões relacionadas a essas perturbações são frequentemente assuntos privados e individuais, uma vez que as pessoas sentem que seus valores estão ameaçados. No que diz respeito às contradições sociais, o autor discorre sobre questões como o desemprego, o casamento e a vida na metrópole, como exemplos de situações que podem desencadear problemas, crises e inquietações.

Em relação às inquietações, o autor propõe que se pense nas questões públicas de forma coletiva, estabelecendo preocupações-chave e questionando as contradições para que os indivíduos não sejam indiferentes às ameaças que se apresentam. Ademais, Mills (1982, p.20) afirma que “a principal tarefa intelectual e política do cientista social[...] é deixar claro os elementos da inquietação e da indiferença contemporânea”. Como pode ser constatado, o autor argumenta que as ciências sociais estão se tornando o denominador comum do período cultural atual. Ele utiliza a ciência física e biológica como um ponto de referência para refletir sobre a metafísica popular presente nas sociedades ocidentais. Além disso, defende que a imaginação sociológica está se consolidando como o principal denominador da vida cultural contemporânea.

Segundo Mills (1982), em virtude das múltiplas tarefas atribuídas aos cientistas sociais, sua área de estudo se configura como uma ciência ampla, resultado do que os próprios pesquisadores realizam em um determinado momento. Desse modo, a ciência social estabelece parâmetros para análise de questões culturais da época, visto que “a Sociologia é um empreendimento enciclopédico, ocupando-se da totalidade da vida social do homem” (MILLS, 1982, p.30).

O autor propõe uma concepção de ciência social que vai além de mera utilização de técnicas burocráticas, que muitas vezes limitam a pesquisa social. Em vez disso, ele defende uma abordagem metodológica que permita a utilização de conceitos, sem restrições que possam prejudicar o processo de investigação. E, apresenta três direções do trabalho sociológico: *Tendência I* – da sociologia como empreendimento, pautada em Comte, Marx, Spenser e Weber. *Tendência II* – da natureza do homem e da sociedade como teoria sistemática que ocupa de conceito criado para classificar as relações sociais, sob teorias de Simmel e Van Wise. *Tendência III* – com sentido estudos empíricos dos fatos

e dos problemas sociais. Mills (1982) propõe uma nova concepção para a Sociologia, que parte da ideia de que essa disciplina deve romper com as tendências tradicionais e dar lugar a outras abordagens sociológicas. Nessa perspectiva, as relações sociais devem ser analisadas em suas diversas variedades, levando em conta o contexto social, político, histórico e cultural em que se inserem.

No segundo capítulo, denominado “A Grande Teoria”, o autor discorre sobre vários tópicos, como: exemplos de estilos grandiloquentes com traduções; reação a grande teoria; o equilíbrio social; diferenças entre pensamento e observação; a legitimidade do poder; os meios de poder; o poder e a Grande Teoria. De modo geral, esta parte do livro ressalta o comportamento humano como balizador da análise de valores partilhados, aprendidos, não herdados e o comportamento esperado como importante para a estabilidade da sociedade em funcionamento.

Mills (1982) aborda questões relevantes relacionadas à ordem e ao sistema social, enfatizando a importância dos padrões, normas e regularidades que são considerados reais e que contribuem para o equilíbrio social em longo prazo. O autor assinala que “as melhores classificações e definições desse controle social foram dadas por Max Weber” (MILLS, 1982, p.40). Entre elas, caracteriza o estilo lógico do pensamento representado pela grande teoria, e indica como a maioria dos cientistas sociais ordenaram e resolveram problema da ordem de Parson. A grande teoria se refere a um conjunto de atos ações individuais e demandas da sociedade, analisadas sob o método científico visando obter relações abstratas da sociedade.

Mills (1982) destaca a importância da teoria de sistemas sociais na sociologia, que se preocupa com fenômenos como a institucionalização e os padrões de valor orientados pelo sistema social. Ele destaca as contribuições de diversos autores, incluindo Parsons, Lockwood, Mosca, Look Strobel, Thurman, Weber, Durkheim, Marx, Rousseau e Spencer, que realizaram análises sociológicas fundamentais para a compreensão das dinâmicas sociais. A concepção de poder na sociedade moderna envolve a ideia de autoridade baseada na justiça e na convicção dos indivíduos em relação ao contexto social. Além disso, o poder também está associado à manipulação que ocorre por meio do conhecimento e das ideologias que surgem em reação às convicções estabelecidas.

Mills (1982) discute o problema da ordem institucional, citando um modelo imaginário em que há padrões semelhantes presentes em cada uma delas, como na América de Tocqueville. Ele ressalta que esses modelos políticos podem ser afetados por fragmentações, incluindo movimentos sociais, econômicos e, em casos extremos, movimentos como o nazismo.

O pesquisador encerra o tema referindo ao Ethos de Weber com clímax da tradição clássica alemã que “possibilitou em parte considerável um quadro de trabalho sociológico no qual as concepções gerais sobre sociedade estavam intimamente ligadas à exposição histórica” (MILLS, 1982, p.58). Além disso, cita o marxismo clássico com as contribuições

de Max Weber e Karl Marx, fundamentais para o desenvolvimento da sociedade moderna.

No terceiro capítulo, o autor discorre sobre “O Empirismo Abstrato” de modo a discutir elementos, como: o caráter geral e o estilo de trabalho; público e massa; as pesquisas de opinião; estudos de estratificação; os resultados da escola; suas características intelectuais; inibição metodológica; filosofia e ciência; problemas econômicos da pesquisa e a entrevista. Mills (1982) explora as discussões em torno dos estudos de opinião pública, partindo da definição histórica do público construído em sociedades “de massas”, “totalitárias”, “democráticas” ou “democracias totalitárias”, transitando para o conceito mais moderno a partir de questões da ideia de legitimação como concepção de ciência política e das pesquisas de opinião ilustradas no empirismo abstrato.

Mills (1982) destaca que uma das principais características do empirismo abstrato é sua estreita relação com os aparatos administrativos que utiliza, bem como com os tipos de trabalhos intelectuais que emprega e treina as pessoas. Ele enfatiza que as características intelectuais mais importantes desse método derivam da filosofia da ciência adotada por seus praticantes. Mills destaca ainda a importância dos conceitos básicos na compreensão das nuances e diferenças entre o empirismo abstrato, a filosofia da ciência social e o método científico.

Referindo ao tempo e ao dinheiro na pesquisa, o autor indica que “há duas apologias do empirismo abstrato que se aceitas, significa que a fragilidade de dados é provocada sob características e formas de natureza inerente ao método acidental” (MILLS, 1982, p.74). O autor explica que o método se relaciona com situações de dificuldade e lança questionamentos para provocar o leitor a reflexões. Para ele, não há problemas na utilização dos métodos sem definição da filosofia. Métodos específicos e empirismo são adequados e convenientes para a pesquisa com vários problemas, tais como os processos estatísticos, como abordar, como ocorre a inibição metodológica para tratar fenômenos particulares.

No quarto capítulo Mills (1982) trata dos “Tipos de praticalismo”, sobre o qual discute: problemas de avaliação; julgamento de valor; a utilidade prática das pesquisas; economia e ciência social; a ciência social do século XIX; o liberalismo como denominador comum; o praticalismo liberal; a sociologia prática o retardamento cultural e sobre os conservadores práticos.

Inicialmente, Mills (1982) enfatiza que a confusão presente nas ciências sociais é complexa, envolvendo questões morais, científicas, políticas e intelectuais. A tentativa de ignorar essa realidade é uma das razões pelas quais essa confusão persiste, visto que diferentes valores e adoções morais e políticas geram conflitos e perturbações no trabalho do cientista social. Embora haja conceitos e finalidades definidos, ainda falta clareza quanto ao objeto de estudo. É importante ressaltar que a pesquisa nas ciências sociais sofre julgamentos e é permeada por conflitos que precisam ser reconhecidos e superados para uma produção científica mais eficaz.

Em seguida, com um tom de descrença, Mills (1982) expõe como a pesquisa nas

ciências sociais, na época, tinha sua utilidade restrita apenas ao exército e ao serviço social, sob a égide da relevância ideológica e das teses críticas. O autor enfatiza como a economia clássica e a demografia serviram como modelos ideológicos e estatísticos, utilizados para fins políticos liberais. Além disso, traça um panorama das ciências sociais praticadas nos Estados Unidos na segunda metade do século XIX, altamente influenciadas pelo liberalismo. E, denuncia a falta de diversidade de perspectivas e finalidades nas pesquisas sociais da época.

O autor explica que “na antiga sociologia prática, os ambientes, os problemas políticos são raramente considerados como radicalismo” (MILLS, 1982, p.99). Além disso, acrescenta que o praticismo liberal tendia a ser apolítico, ou a aspirar a uma espécie de oportunidade democrática. Também, não se questiona a própria ordem política, cuja visão é limitada e definida como uma sociologia moralizante dos ambientes.

Mills (1982) trata ainda da noção de “atraso” cultural com origem no pensamento utópico grevista que de fato ocorre pela ausência ou negligência na avaliação; pela da aparência histórica que se configura pela aplicação de programas com ausência de objetivo; também pela ideia muito popular que as instituições, em geral, estão com atraso em relação à tecnologia e a ciência. Tal efeito “envolve uma avaliação positiva da ciência e da transformação progressista orientada, em suma, é uma continuação liberal do iluminismo” (MILLS, 1982, p.100).

O autor pontua que, desde o término da segunda guerra civil, a classe média urbana da América, em sua maioria composta por homens de negócios, ganhou poder político com ascensão da renda e posição. Assim, passaram a compor a camada da noção de progresso, marcando 1930 como a era da tecnologia doméstica e do transporte. O uso do termo “atraso cultural” utilizado pelos cientistas sociais permaneceu sendo aplicado politicamente de forma fragmentada. A esse respeito, o estudioso relata que “os problemas da classe média americana que viviam nas pequenas cidades, não estão de acordo com o desenvolvimento da época” (MILLS, 1982, p.101).

Segundo o autor, ao superar a noção de atraso, a ideia de adaptação se ajusta à ciência social na análise da sociedade, pois, possibilita observar as novas relações movidas pela agregação de novos indivíduos, entre eles, os imigrantes. Nessa nova conduta, foi possível identificar o homem ideal socializado advindo da geração de sociólogos que participava e progrediam em um ritmo ajustável.

Mills (1982) aponta que, ao lado do antigo praticismo, surgiram novos tipos de movimentos, incluindo o liberalismo, que tornou-se um movimento de reforma do estado de bem-estar social, em vez de ser apenas administrativo de serviços sociais. Segundo Mills, a sociologia pode ser um impulso reformista nesse processo. Suas tendências passaram a instrumentos úteis às empresas. E, aponta a escola de “relações humanas na indústria” como exemplo de praticismo liberal (MILLS, 1982, p.39).

Este modelo econômico privilegia a escolha de homens intelectuais para cargos de

gestão na indústria, como forma de impulsionar o crescimento econômico. No entanto, essa estratégia não leva em conta a maioria da população, tornando mais grave a desigualdade social. Assim, para Mills (1982), o novo praticalismo vem com roupagem de ciência social e “dos clientes sociais” o que fez emergir novas instituições nas quais esse modelo instalou, incluindo indústrias, departamentos de empresas, centros de pesquisas das universidades, força aérea e governo. O autor destaca que “pela primeira vez os cientistas sociais entraram em relações profissionais com poderes privados de públicos bem acima da repartição encarregada do bem-estar social e do agente municipal.” (MILLS, 1982, p.107).

Segundo Mills, nesse novo praticalismo, os conservadores práticos refutaram os sindicatos em nome da liberdade para o lucro, tendo as grandes empresas conservadoras como aliadas. Esse fato fez surgir um novo centro de poder: os conservadores sofisticados, caracterizados pelos símbolos liberais, mas para finalidades conservadoras.

Dentro desse contexto, Mills (1982) questiona o real interesse dos professores e registra que muitos deles começaram a se contentar com pequenos aumentos salariais e novas oportunidades de pesquisa. Além disso, passaram a oferecer sua expertise em administração para ajudar diretores de fábricas a obter mais lucros e reduzir problemas. Essa mudança de comportamento reflete uma tendência crescente de profissionalização dos professores e uma preocupação cada vez maior com os interesses econômicos em detrimento da sua função primordial de educadores.

O autor esclarece nesse ponto, que os professores passaram a desfrutar de uma nova carreira: “o novo empreendedor” — o que impulsionou carreiras universitárias. Contudo, essa ascensão deixou os professores na América latina, ambiciosos e insatisfeitos, já que o prestígio profissional não era equivalente aos sacrifícios econômicos necessários. Esse acontecimento resultou em uma disparidade salarial entre profissionais, onde alguns eram valorizados como mais capazes do que outros. O autor destaca que essa situação reflete a abertura da comunidade acadêmica americana para um novo tipo de praticalismo, onde as habilidades práticas e a eficiência são mais valorizadas do que a excelência acadêmica em si. Essa mudança pode ter implicações significativas na forma como a academia é vista e operada no futuro.

O quinto capítulo nomeado “*Ethos* Burocrático”, Mills (1982) discute temas, como: o praticalismo liberal; a ciência social aplicada; o *Ethos* burocrático, sobre o qual discute patriarcalismo liberal; a ciência social aplicada; as instituições de pesquisas; as funções; os jovens técnicos; o contexto social das atividades culturais e intelectuais; o estadista acadêmico; os grupos e os solitários; a engenharia humana e a burocratização do serviço social. A partir dessa proposta.

De acordo com Mills (1982), o termo “nova ciência social” refere-se não apenas ao empirismo abstrato, mas também ao praticalismo novo e liberal. Essa expressão abrange tanto o método quanto a sua aplicação na prática, uma vez que a técnica do empirismo abstrato e sua utilização burocrática tornaram-se inseparáveis. O autor aponta

que a tendência atual é de que o praticismo e o empirismo abstrato trabalhem juntos para obter soluções pragmáticas e eficazes para os problemas sociais. No entanto, ele também ressalta a importância de se manter um equilíbrio entre essas abordagens para evitar a perda de perspectiva crítica e reflexiva na ciência social.

Em acréscimo, autor discute o desenvolvimento das ciências sociais aplicadas na engenharia humana, que foram impulsionadas pelas grandes instituições devido aos altos custos envolvidos. Ele destaca que as instituições de pesquisa acabaram se tornando centros de treinamento, e que os administradores intelectuais e promotores de pesquisa surgiram a partir dessas instituições. No entanto, ele alerta que a formação dos técnicos de pesquisa varia em qualidade. Além disso, o autor aponta que o foco no praticismo inibiu o desenvolvimento metodológico na abordagem empírico abstrata. Por fim, ele destaca a importância dos currículos acadêmicos para entender as mudanças e seus significados.

Em busca de respostas, o autor chama a atenção para situações de dominação e controle das massas por meio da formação, e exemplifica com o *slogan* utilizado à época “O propósito da ciência social é a previsão e o controle do comportamento humano”, entre outros (MILLS, 1982, p. 125). Ademais, Mills (1982) destaca o importante papel dos cientistas sociais na reflexão sobre o desenvolvimento social com estruturas menos rígidas, enfatizando a importância de se discutir questões como previsão e controle. Ele propõe que esses profissionais devem revelar o sentido político e o ethos da burocracia, que tem sido utilizado em áreas não democráticas da sociedade.

Mills (1982) conclui este tema enfatizando que a burocracia é uma tendência geral do Estado social, e que a pesquisa pode ser vista como um meio de tornar a autoridade mais eficiente. Ele observa que o empirismo abstrato é usado de forma ideológica na burocracia, enquanto a grande teoria não se presta à burocracia direta, sendo sua utilidade mais voltada para o sentido político-ideológico. Portanto, é importante entender que a pesquisa e a teoria não são neutras em relação ao poder e à autoridade, e que devem ser abordadas de forma crítica e reflexiva

No sexto capítulo, em que o autor discute “Filosofia da Ciência”, há subtemas, como: a confusão das ciências sociais; a reunião de processos; “teoria” e ‘método’; o empirismo do bom senso; descer aos fatos; teoria do pragmatismo científico e o alinhamento dos problemas. Nesse capítulo, Mills (1982) declara que a confusão nas Ciências Sociais se deve ao fato de que há uma controvérsia sobre os termos e o significado da ciência e do empirismo científico, que está relacionado a diferentes situações epistemológicas. Essa falta de clareza terminológica contribui para uma compreensão inadequada das Ciências Sociais e pode levar a conclusões equivocadas sobre o papel da ciência na sociedade.

O autor versa sobre a postura do cientista social, da importância de dominar o método, a teoria, e relacionar a teoria e o papel do cientista social na aplicação do método. Ele destaca que, para os cientistas sociais clássicos, nenhum método nem a teoria é um setor autônomo. “Os métodos aplicam-se a determinados problemas, as teorias a

determinados fenômenos” (MILLS, 1982, p. 133). Mills (1982) explica que há confusão nas Ciências Sociais devido à controvérsia entre os termos e o sentido das ciências e do empirismo científico. Ele destaca a importância da prática individual, das discussões metodológicas e da relação entre o método e a teoria no desenvolvimento da pesquisa. O autor também argumenta que o empirismo do bom senso está repleto de suposições e estereótipos e que é necessário questionar as premissas que determinam o que é visto e como é aplicado.

Mills (1982) discute a concepção do empirismo como conhecimento construído a partir de experiências cotidianas, que requer abstração. Ele aponta que, enquanto na grande teoria a verificação é dedutiva, no empirismo abstrato não fica claro o que deve ser verificado. O autor também descreve o processo prático de pesquisa em ciências sociais e destaca o papel do artesão clássico nesse processo. O autor discute a teoria do Progresso científico, afirmando que a ciência social clássica não pode ser construída ou deduzida, mas sim se concentra nos problemas. Ele destaca que os estudos microscópicos não se acumulam para formar uma ciência social “plenamente desenvolvida”. Além disso, Mills aponta que a ciência social burocrática se esforça muito, mas não alcança uma teoria consequente, sendo que o empirismo absoluto é o instrumento dessa teoria. Por fim, ele enfatiza a importância da formulação do problema na tradição clássica da ciência social.

No sétimo capítulo, Mills (1982) reflete sobre “A variedade Humana”, discorrendo sobre várias nuances, como: o objeto da ciência social; a posição do cientista social frente à variedade humana; a unidade social; o Estado-nação; dependências institucionais; estrutura social e sociologia; ciência social e antropologia e limites das disciplinas das ciências sociais. Nesse capítulo o autor apresenta ideias mais positivas a respeito da promessa das ciências sociais.

Mills (1982) destaca que o objetivo das Ciências Sociais é abranger a variedade humana composta por todos os mundos sociais em que os indivíduos vivem, incluindo desde as comunidades primitivas até potências como a Europa, a China clássica, a Roma antiga e o pequeno Império do Peru, que atualmente estão disponíveis para estudo pelos pesquisadores. Ele enfatiza a importância de entender a complexidade desses mundos sociais para a compreensão das relações humanas e o papel das Ciências Sociais em promover essa compreensão.

Dentro desses mundos há muitos contrastes que evoluem junto com a sociedade, como: as massas, interesses e poderes que abrangem ações de grupos étnicos, de comércio, indústria e governos de países e continentes. A variedade de mundos sociais nos quais os seres humanos vivem contém histórias e experiências atemporais e históricas que a imaginação sociológica e a ciência devem compreender para alcançar uma compreensão completa. Para isso, é necessário compreender a história individual e coletiva dos homens e abordar os problemas sociais por meio da pesquisa.

O autor pontua que a estrutura social é composta por unidades organizacionais

sob um estado político, o estado-nação, que representa uma unidade social mais geral que abarca as experiências de todos os seres humanos. É papel do estado-nação cuidar dos grupos sociais, da cultura e dos problemas sociais mais amplos. Embora cada estado-nação seja diferente, seus componentes devem trabalhar juntos de maneira interligada para serem autossuficientes, seja na economia ou nas relações internacionais.

Outrossim, Mills (1982, p.149) advoga que “a estrutura social se forma como uma unidade básica da ciência, a sociologia e a antropologia têm esforçado para preservar os traços culturais no conceito da sociedade para além da demografia e da Ciência Política”. Entretanto, a economia e a ciência política têm se ocupado de áreas institucionais, a estrutura social em duelo entre “os cientistas, políticos e os economistas, cada qual luta por maior notoriedade” (MILLS, 1982, p. 150).

Segundo Mills (1982), a evolução intelectual tem sido um fator decisivo na moldagem de todas as ciências sociais, mas que elas também foram influenciadas significativamente por acidentes institucionais. Um exemplo citado pelo autor é a falta de atenção do Estado para disciplinas como filosofia, sociologia, antropologia, psicologia e ciência política nas instituições de ensino superior, o que acarretou problemas intelectuais nas áreas de ciências sociais devido à ordem institucional, política, militar ou religiosa. De igual modo, o autor menciona o livro didático como limitador das ideias e como tentativa de integrar a ciências sociais como conceitos e métodos e não como ciência para formular investigar e buscar solução de problemas sociais.

No oitavo capítulo, o autor versa sobre os “Usos da História”, discutindo, nesse bojo: o estudo histórico; problemas de método; as ciências sociais enquanto desculpnhas históricas; pano de fundo histórico; história e sociologia; psicologia histórico-social; ciências sociais e psicologia. O autor alerta que, possivelmente, alguns historiadores procuram apenas a comparação dos fatos, enquanto é necessário e mais importante, a interpretação dos fatos sociais. Nessa senda, Mills (1982°, p.157) adverte que “muitos cientistas americanos são influenciados pelas suas concepções problemas e métodos, enquanto hoje em dia se dê mais ênfase as análises epistemológicas”.

No entanto, para realizar uma análise completa, o cientista social deve recorrer a materiais históricos relevantes. Assim, a história é crucial para fornecer uma variedade de circunstâncias que são necessárias para o desenvolvimento de nosso entendimento, que não deve ser limitado (MILLS, 1982). Acrescentando-se a isso, o autor apresenta a ideia de estrutura e dinâmica do período moderno, que exige a compartimentalização de tarefas entre diferentes campos de estudo, como um cientista social estudando o Estado Moderno, economistas explorando o capitalismo moderno ou socialista, antropólogos investigando o mundo moderno, e assim por diante. Isso possibilita interpretações altamente específicas e ajustadas.

Quanto ao uso da história, Mills (1982), propõe três observações: i) a necessidade de aceitar que temos que estudar a história; ii) aplicar as características a função do trabalho

contemporânea, e iii) situar no ambiente e não limitar a definir, pois é preciso ter clareza de seus componentes históricos para a análise segura preservando a verdade dos fatos.

Segundo Mills (1982), os períodos e a sociedade diferem em relação ao fato de sua origem ou não. Para sua compreensão, são necessárias referências diretas aos fatos históricos. Ele considera que uma sociedade se movimenta no tempo e no ambiente, por isso, faz histórias e “históricos que são relevantes, mas sujeitos a interpretação específica na busca pela verdade dos fatos” (MILLS, 1982, p. 169). Nesse aspecto, indica que os problemas da psicologia social e histórica são de muitas formas os mais intrigantes que podemos estudar hoje e justifica que “é nessa área que reside a tradição intelectual, a imagem genética do homem posta em discussão por governos estadistas, totalitários, pelo relativismo demográfico e pela possibilidade de ser formados” (MILLS, 1982, p. 172).

Mills (1982) sustenta que as Ciências Sociais dependem dos parâmetros da psicologia e da história para a análise dos problemas relacionados à natureza humana. Alguns psicólogos adotaram uma variedade de abordagens da psicologia social, enquanto outros redefiniram a própria psicologia. O autor lamenta que a psicanálise não tenha sido mais amplamente utilizada como base para pesquisas acadêmicas, considerando que a psiquiatria já mostrou resultados positivos ao questionar a tendência de relacionar valores e normas com as necessidades individuais. Para o estudioso, a compreensão do indivíduo requer uma análise das tarefas institucionais que ele desempenha e dos papéis que ele vive em sua família e na sociedade em geral. É fundamental compreender as instituições em seus modos e regras para entender o indivíduo em sua biografia.

No nono capítulo, o teórico discorre sobre a ideia “Da razão e liberdade”. Assim, algumas discussões são apresentadas, como: a história e o tempo presente; o papel da razão nas questões humanas; o homem e o robô; ciência razão e liberdade; métodos de análise da razão e liberdade. Mills (1982, p. 179) afirma que o cientista social clássico se preocupa com característica de sua época, como o problema e a história se apresentam nessa época com “a natureza da natureza humana” e inclui a variedade de indivíduos nos estudos de Max, Weber, Comte e Spencer entre outros. Mas, que no Século XX as preocupações serviram de orientação à pesquisa.

O escritor afirma que é preciso entender o presente como parte da história e assumir a responsabilidade pelo futuro, na busca de respostas para os desafios da sociedade. De modo complementar, destaca que tanto o liberalismo quanto o socialismo foram importantes orientações e explicações para entender a sociedade. Contudo, a partir das ideias do Iluminismo, surgiram conceitos fundamentais como a liberdade, o progresso pela razão, a crença na ciência como um bem valioso, a busca pela educação popular e a importância da democracia. Mills (1982) também menciona as contribuições de Marx sobre o papel do homem no processo histórico de desenvolvimento social e na formação dos diferentes tipos de sociedade. Em resumo, para o pesquisador, é fundamental olhar para o passado, compreender o presente e assumir responsabilidades pelo futuro, tomando como base as

contribuições de diferentes teóricos e pensadores.

Para Mills (1982), o papel da razão nas questões humanas e a ideia de indivíduo livre como centro de razão, são os termos mais importantes que os cientistas do Século XX herdaram dos filósofos do Iluminismo. Todavia, alerta que os valores de liberdade e a razão estão ameaçados pela burocracia, considerando que o crescimento dos indivíduos não acompanhou o aumento das organizações e a divisão e a modernização do trabalho. Nessa ótica, “Presos aos ambientes limitados de suas vidas diárias, os homens comuns com frequência não podem raciocinar sobre as grandes estruturas” (MILLS, 1982, p. 182).

Nessa direção, Mills (1982) aponta que um alto nível de burocracia e tecnologia não se traduz necessariamente em um alto nível de inteligência, já que os indivíduos podem ser submetidos a autoritarismo e manipulação, o que bloqueia sua capacidade de agir e progredir. Dentro dessa estrutura, o conceito de “homem alienado” se torna relevante, sendo discutido por Marx em seus primeiros ensaios sobre alienação.

Mills (1982) destaca a preocupação dos cientistas sociais com o fenômeno da alienação, que se contrapõe à imagem ocidental do homem livre. A alienação é incompatível com os valores de uma sociedade democrática, uma vez que nega a possibilidade de exercer a liberdade plena. Para o teórico, a liberdade não deve ser vista apenas como uma oportunidade de agir, mas como a possibilidade de reavaliar as escolhas que fazemos. Ele argumenta que a liberdade só faz sentido quando o homem é capaz de exercer sua razão humana. Além disso, enfatiza que a liberdade é um conceito amplo e variável, que deve ser constantemente redefinido e repensado pelos cientistas sociais.

O décimo capítulo, nomeado “Da Política” instaura um debate sobre vários aspectos, como: o sentido político do trabalho do cientista social; a escolha de valores; os meios de decisão; a posição do cientista social e a tarefa política do cientista social. O autor o inicia dizendo que “a pesquisa e os cientistas sociais, são, cada vez mais usados para finalidades burocráticas e ideológicas” (MILLS, 1982, p. 192), dado que entram nas suas pesquisas ou julgamento da consciência de valor do trabalho. Portanto, sugere pontos para responder às questões e propor soluções.

Para Mills (1982), três ideias políticas são razoáveis à tradição da ciência social e fazem parte da promessa intelectual: o valor da verdade como é vista no seu meio social; “o valor do papel nas questões humanas”; a “liberdade como razão”, sendo a razão como valor social. O autor destaca que “a qualidade política depende muito das qualidades intelectuais daqueles que participam dela” (MILLS, 1982, p.195). Neste contexto, o cientista social corre o risco de se envolver excessivamente com a máquina e, ao assumir esse papel, pode acabar se tornando uma máquina em si mesmo, perdendo sua autonomia e se concentrando exclusivamente nas técnicas e métodos administrativos. Isso pode resultar em uma perda de perspectiva crítica e sensibilidade social, prejudicando sua capacidade de compreender e abordar as questões sociais de forma holística e contextualizada. Portanto, é importante que o cientista social mantenha um equilíbrio saudável entre o uso

da tecnologia e a manutenção de sua autonomia e sensibilidade humanas.

Para discutir a terceira ideia, refere-se a “forma pela qual o cientista social pode tentar realizar o valor da razão e seu papel nas questões humanas” e fazer seu trabalho, não com subordinação, mas de modo livre e eficiente (MILLS, 1982, p. 196). Segundo o autor, alguns homens são mais livres que outros para fazer história, esse processo ocorre por influência dos meios, bens e valores a que têm acesso na sociedade. Nessa direção, o autor trata, também, da emblemática tarefa do cientista social de fazer alguns questionamentos sobre a inteligência presente no discurso ocidental da época; o acesso da população aos meios de comunicação; sobre o conhecimento e as razões distintas do poder.

Por conseguinte, Mills declara que o cientista social, geralmente professor, por consciência e por se importar com uma educação libertadora, ocupa-se de questões sociais como busca de combater forças contrárias às massas. Contribuindo, assim, para “fortalecer os homens como livres, autoculturais e democráticos, entendendo democracia como um todo, como o poder de decisão sendo tomado e legitimado pelo público” (MILLS, 1982, p.205).

Para finalizar sua obra, no apêndice intitulado “A Imaginação Sociológica”, o autor tece considerações sobre o artesanato intelectual. Nesse texto, faz abordagens sobre o trabalho dos cientistas sociais, na prática sociológica, em ambiente acadêmico. Questiona a escrita instrumental e burocrática em detrimento da objetividade do conhecimento enquanto distância das discussões apenas empíricas. É nesse ponto que instiga o pesquisador a rever sua prática, a analisar suas relações com a ética e a moral na pesquisa científica.

Além do mais, Mills (1982) destaca a indissociabilidade entre a vida pessoal dos cientistas sociais e suas práticas, indica que é preciso aprender a usar suas experiências pessoais e profissionais no que produz. Na percepção do artesanato intelectual, o autor, sugere registros escritos e em arquivos organizados com relatos pessoais, discussões e ideias que possam dar suporte a debates mais específicos de questões sociais, de modo a estimular a imaginação sociológica do cientista.

De acordo com o pesquisador, uma das atividades mais importantes do cientista social é desenvolver um plano de pesquisa bem estruturado, pois o processo de registro ajuda a aprimorar a compreensão e a definição dos objetivos do estudo. Além disso, ele enfatiza a importância da produção textual flexível e da liberdade para fluir as ideias relacionadas às questões sociais em análise. Ele destaca que o trabalho científico não deve ser limitado apenas à pesquisa empírica, mas deve se valer também de outros estudos e análises de materiais existentes de forma hipotética, levando em conta as ideias, os problemas e o contexto. Como exemplo, Mills (1982) menciona que encontrou um arquivo contendo três tipos de materiais para analisar a elite, e revela que análises e discursos anteriores sobre esses materiais geralmente produzem resultados mais elaborados e próximos da sociedade.

O autor apresenta a tese de Mosca, na qual afirma que é o poder da organização

que permite que a minoria governe. No campo das ideias, fala do poder do povo nas ruas, não de comportamento, mas de uma elite vendo a outra; a elite do poder e a elite do conhecimento. Após tecer a crítica aos estudos empíricos puros, devendo este sair da forma original para a forma mais pretensiosa, o autor propõe que se resolva a questão da qualidade em torno do problema; dominá-lo fase por fase; fazer a reformulação da questão.

Além disso, apresenta um quadro de variáveis weberianas que exemplificam organização de arquivos, a partir dos elementos de classe, poder e habilidades. Para exemplificar como ocorre as ideias, Mills (1982), afirma que a imaginação sociológica permite lembrar, que consiste em passar da capacidade de passar de uma perspectiva para outra, e no processo estabelecer uma visão adequada de uma sociedade total e de suas demandas.

Nessa perspectiva, o teórico apresenta três formas de estimular a imaginação sociológica: o esvaziamento de ideias e o convite a imaginação em torno dos problemas; a seleção de frases e palavras que ajudam a aperfeiçoar os termos do problema; a reclassificação das palavras, ideias e das hipóteses podem ajudar a evoluir na reformulação do problema. Para ele, a imaginação sociológica pode ser liberdade se conseguimos pensar a partir de um ponto, sendo de produção pequena que pode se tornar em vastas ideias.

Ao longo desse título, como releitura da obra, o autor desenvolve sete ideias sequenciais de organização de textos para se pensar a pesquisa, alertando o risco da “inteligibilidade” que “tem menos a ver com a complexidade e mais a ver com a profundidade dos assuntos abordados” (MILLS, 1982, p. 234). Desse modo, para superar as dificuldades na produção do texto da pesquisa, é mais importante, refletir sobre três questões autorreflexivas ao pesquisador: “quais as finalidades e profundidade do meu assunto? Quando escrevo, que status estou pretendendo para mim mesmo? Para quem procuro escrever?” (MILLS, 1982, p. 240-243). Por fim, o autor indica os cuidados e formas para se apresentar um texto ao leitor. Nos parágrafos finais do texto, deixa alguns “preceitos e avisos” para auxiliar os cientistas sociais a produzir textos coerentes sobre suas pesquisas.

CONSIDERAÇÕES

Como visto ao longo da resenha, a Imaginação Sociológica oferece uma visão da sociedade que se baseia em experiências humanas reais para identificar e tratar problemas individuais e coletivos. Esta abordagem inspira a imaginação em relação à nossa própria identidade, valores e elementos sociais presentes em nossas biografias. O autor deixou claro que a imaginação sociológica é uma ciência social capaz de ajudar a entender o significado da nossa existência, bem como as várias relações humanas, incluindo as sociais, religiosas e culturais, que são influenciadas por fatores geográficos, culturais e socioeconômicos

Ao incentivar uma mudança de perspectiva do individual para o coletivo, Mills nos

lembra da importância de usar conhecimentos científicos para analisar questões sociais e solucionar problemas que afetam a sociedade como um todo. Ele reconhece que isso pode ser difícil, especialmente quando somos confrontados com situações nas quais não sabemos o que fazer e nos sentimos moralmente vazios. Esse esvaziamento moral pode levar à indiferença diante do novo. No que diz respeito ao artesanato intelectual, Mills apresenta aos cientistas sociais possíveis estratégias metodológicas e questões importantes que devem ser consideradas na realização da pesquisa e na produção do texto. Com isso, ele nos incentiva a refletir sobre o papel da Imaginação Sociológica na criação de uma sociedade mais justa e equitativa.

A obra apresenta ao leitor um postulado teórico plausível no qual Mills orienta a evitar procedimentos rígidos, o fetichismo da técnica e, aborda, enquanto uma metodologia poderosa para se investigar os fenômenos sociais do mundo contemporâneo. A leitura é fulcral para aquele que se interessam por método de investigação voltado à busca da verdade e da ética na pesquisa. Sendo assim, trata-se de uma produção essencial ao cientista social.

REFERÊNCIAS

FRAZÃO, Dilva. **Charles Wright Mills**: sociólogo norte-americano. eBiografia. 2015. Disponível em: https://www.ebiografia.com/charles_wright_mills/. Acesso em: 16 fev. 2023.

MILLS, Charles Wright. **A imaginação sociológica**. Tradução de Waltensir Dutra. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 318 p.